

DA AUTORA DE A GAROTA DO CALENDÁRIO

AUDREY
CARLAN

Vida

TRINITY



LIVRO 4



VERUS
EDITORA

**AUDREY
CARLAN**
Vida



Tradução
Patricia Nina R. Chaves



VERUS
EDITORA

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Raquel de Sena Rodrigues Tersi

Capa e projeto gráfico

André S. Tavares da Silva

Diagramação

Daiane Avelino

The logo for Star Books Digital features the text "Star Books Digital" in a serif font. The word "Star" is in a larger, bold font. Below the text, there is a stylized graphic of an open book with a blue and red cover, and a small red star above the word "Digital".**Título original***Life*

ISBN: 978-85-7686-654-1

Copyright © Waterhouse Press, 2016

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Waterhouse Press, LLC.

Tradução © Verus Editora, 2018

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C278v

Carlan, Audrey

Vida [recurso eletrônico] / Audrey Carlan; tradução Patricia Nina R. Chaves. – 1. ed. – Campinas, SP: Verus, 2018.

recurso digital (Trinity; 4)

Tradução de: Life

Sequência de: Alma

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-654-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Chaves, Patricia Nina R. II. Título. III. Série.

18-47094

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

*Para minha irmã de alma Dyani Gingerich.
Sem você, Maria De La Torre não existiria.
Sem você, eu seria uma irmã de alma sem minha trindade da amizade perfeita.
Sem você, esta história de amor não teria sido escrita.*

*BESOS
Bound eternally sisters of souls (irmãs de alma unidas eternamente)*

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

Epílogo

Agradecimentos

1



Eu não vou chorar. Não posso. Demonstrar dor seria sinal de fraqueza, e eu me recuso a ser vista como fraca. Há dez anos eu era impotente, um fruto do meu meio. Hoje, cinco anos depois do pior trauma da minha vida, sou uma sobrevivente, alguém forte e confiante. Chutei meu lado fraco para o meio-fio no dia em que escolhi viver.

No dia de hoje, diante de centenas de pessoas de luto, minhas habilidades de sobrevivência estão a todo vapor. Por Tommy, eu vou conseguir. Mesmo com o coração despedaçado, a mente em turbilhão e o corpo funcionando no piloto automático... eu preciso me manter firme. Tommy iria querer que eu seguisse em frente e vivesse minha vida.

Uma vida sem ele.

O luto é uma merda de sentimento sorrateiro que não dá para esconder ou exterminar. Ele penetra como um ninja, dia e noite. Pode até ser considerado um monstro invisível que, com suas garras, envolve o coração de uma pessoa na calada da noite. Você está sonhando com a paz, e em vez disso é avassalada por um sofrimento devastador.

O sofrimento não me é um desconhecido. Neste exato momento eu o aceito e chego a acolher sua fígada aguda e letal. Pelo menos o punhal em meu coração impede que eu me entregue à letargia na qual desejo tanto afundar. O alívio abençoado do vazio seria bem-vindo quando tudo à minha volta é o mais completo caos.

Para todos os lados que olho, vejo homens de terno preto e uniforme lotando mais e mais a igreja, os distintivos brilhantes refletindo as luzes e os raios de sol do meio da manhã. A bandeira vermelha, branca e azul sobre o

caixão deveria me deixar orgulhosa. Um herói perdeu a vida, e o mar de homens presentes para prestar as últimas homenagens deveria me proporcionar um senso de desfecho. Mas não. Tommy está morto por minha causa. Morreu cumprindo seu dever, protegendo minha melhor amiga.

O pior de tudo é que eu não consigo imaginar outro cenário. Acredito que eu estava começando a me apaixonar de verdade por Tommy, sim, mas Gillian é minha melhor amiga, a única família que conheci na vida. E ele sabia disso. Se não soubesse, não creio que tivesse se colocado no meio da briga contra um assassino maluco. Ele salvou a vida da minha irmã de alma e, em troca, deu a sua.

Como sobreviver a isso? Não existe um livro que eu possa ler que amenize minha dor ou absolva minha culpa. Não há uma prece que eu possa fazer que mude o fato de que o homem que eu estava começando a amar, a acreditar que era o primeiro em quem eu podia confiar, já não está mais aqui.

Gillian aperta minha mão com força. Ela está sentada à minha esquerda... o lado do coração. Ela e minhas outras duas irmãs de alma são a única razão pela qual este órgão dilacerado ainda bate. Bree está à minha direita, a mão em minha perna, afagando fraternalmente num gesto de apoio. A outra mão está pousada sobre o ventre protuberante. Uma vida que se foi, outra que nascerá em breve. Uma pessoa supersticiosa poderia dizer que é assim que as coisas funcionam. Yin e yang. Vida e morte. Eu queria socar o *pinchazo* que inventou isso... Arrancar o que ele mais ama na vida e esfregar na cara dele.

Olho para meus dedos... entrelaçados nos de minha amiga... e me lembro da irmã de alma que não pode estar aqui hoje. Kathleen. Ainda no hospital. A outra pessoa com quem eu falhei. Se ao menos eu tivesse sido mais rápida, ela talvez não tivesse sofrido queimaduras tão graves... Provavelmente o pulmão não teria entrado em colapso, e ela poderia estar sentada aqui conosco, oferecendo seu apoio. Em vez disso, ela está em uma unidade de queimados, lutando por sua vida.

Passo a língua pela superfície ressecada dos meus lábios e penso naquela noite. Eu deveria estar lá... Apesar de ter empurrado com os pés as tábuas ao redor da janela do teatro para chegar até Kathleen, era tarde demais. Os cortes na sola dos meus pés ardem dentro das botas sem salto que estou usando. O desconforto é bem-vindo. Eles ainda doem à noite, e os ferimentos em meu abdome, por ter mergulhado pela janela quebrada para alcançar minha amiga, também ainda não sararam completamente.

Três semanas se passaram desde que o incêndio no teatro colocou Kat e a mim no hospital; duas semanas desde que o homem que eu amava foi empurrado pela janela da torre histórica para a morte, sessenta metros lá embaixo. Pelo que me contaram, mesmo enquanto voava pelo ar, meu Tommy disparou uma saraivada de balas, uma das quais atingiu o criminoso no pescoço, acabando de uma vez por todas com o reinado de terror e destruição de Daniel.

Um calafrio atravessa meu corpo quando me concentro no caixão à minha frente. Os pais de Tommy estão sentados do outro lado da nave, com os outros membros da família. Quando cheguei, eles me abraçaram como se eu fosse filha deles... não que eu saiba na verdade como é a sensação de ser abraçada como filha. A mãe dele até sussurrou no meu ouvido que eu seria sempre bem-vinda na família. O pai me levou até o banco da frente, onde uma esposa ficaria, como se eu merecesse essa honra. Nem de perto...

O padre se aproxima do altar, me trazendo de volta ao momento presente, e começa a celebrar a missa fúnebre em memória de Thomas Redding, Detetive de Polícia de San Francisco, filho, irmão... o homem a quem eu não tive chance de dizer que amava. Ele morreu sem saber a verdade, e pelo resto da vida eu vou ter que conviver com essa verdade.



Sinto alguém pousar a mão no meu ombro por trás enquanto olho fixamente para o caixão. Invejo a quietude. Eu me dou conta de que o espaço está vazio; todos foram para a recepção na casa da família de Thomas.

— Maria, *es hora de ir* — Chase fala em espanhol, minha língua nativa.

Aceno com a cabeça e me levanto. Uma pontada de dor sobe dos meus pés pelas pernas acima, por causa do peso do meu corpo sobre os cortes. O médico recomendou repouso e movimentos limitados na maior parte do tempo por três a quatro semanas, mas infelizmente eu não sou uma paciente obediente, portanto o tempo de recuperação vai ser mais longo que o previsto.

— Posso ficar sozinha um minuto?

Olho por cima do ombro. Chase Davis está segurando Gillian, minha melhor amiga, a seu lado. As lágrimas escorrem abundantes pelo rosto dela. Tenho a impressão de que ela não parou de chorar desde o incêndio. Está pálida, e os olhos estão fundos e opacos. Eu a encaro rapidamente da cabeça aos pés; ela recuperou um pouco do peso que perdeu ao longo dos últimos meses, quando o psicopata virou a vida de todas nós de cabeça para baixo, mas ainda está bem magra, praticamente pele e osso. Caramba, com exceção de Bree, que está grávida, todos nós emagrecemos além da conta. Os trancos da vida fazem isso com a gente.

Chase está com a mão espalmada nas costas de Gillian, logo acima da cintura. É um gesto protetor, mas ele é um homem extremamente possessivo. Aprendi isso do jeito mais difícil. Mesmo com seus defeitos, ele ainda é a melhor coisa que aconteceu na vida da minha amiga, e estou feliz por eles terem se conhecido. Eu esperava que todos nós fôssemos viver felizes para sempre, como nos livros de histórias: Gillian com Chase, Bree com Phillip, Kat com Carson, e eu com Tommy. Mas não... eu fiquei sozinha.

Chase deixa escapar um suspiro.

— É claro. Estamos te esperando lá fora. — Ele aperta meu ombro e eu fecho os olhos.

Depois de alguns segundos, eu me aproximo do caixão. Um banner com a foto de Tommy de uniforme, em tamanho real, está ali do lado. Coloco a mão sobre a bandeira e inclino a cabeça.

— Tommy, eu sinto tanto! Não era para acontecer nada disso. Não com você, nunca... — digo baixinho, com uma sinceridade que vem do fundo da alma.

A dor de perdê-lo é agonizante, me dilacera por dentro. Finalmente as lágrimas brotam dos meus olhos e deslizam pelo meu rosto, e eu cedo à pressão do pranto, incapaz de combater o sofrimento. Ele enterrou em mim suas garras cruéis e está tomando conta do meu ser. O esforço para me controlar se tornou pesado demais, e meu corpo treme enquanto dou vazão ao desespero. Cada lágrima que escorre pelo meu rosto cai como magma borbulhante, queimando o ar que eu respiro.

— Se eu pudesse, trocava de lugar com você. — Afago o caixão, esperando que em algum lugar, de alguma forma, Tommy esteja me ouvindo.

— Ahhh, linda, isso seria uma pena... — Uma voz profunda, intensa e muito familiar me faz ter um sobressalto.

Eu conheço essa voz.

Essa voz esteve nos meus sonhos todas as noites nas últimas duas semanas. É a voz que ouço em minha mente, que me acalma quando a culpa e o sofrimento se tornam insuportáveis. É *ele*. Os pelos nos meus braços e na nuca se arrepiam, e eu engulo em seco, tentando remover o nó que se formou na minha garganta. Devagar, respiro e fecho os olhos enquanto me viro. *Por favor, Deus...*

Não é possível.

Não pode ser...

Ou pode...?

Tommy.

Pisco furiosamente contra o que acho que estou vendo. Ali está ele... vivo... *esplêndido*. Os olhos têm o mesmo brilho verde que conheço tão bem. Ele olha para mim e parece que está enxergando através da minha alma, está vendo a destruição interior. Meu coração dispara, batendo em ritmo alucinante, e eu junto as mãos no alto do peito.

— Não pode ser...

Eu me calo, paralisada. As lágrimas agora têm vontade própria, rolam em abundância pelo meu rosto e caem na blusa. Estendo a mão trêmula. Um halo de luz brilha em torno da cabeça dele, mas os cabelos são escuros e repicados, mais curtos dos lados. O quê? Pisco algumas vezes, tentando compreender o que estou vendo. Tommy não tinha cabelo.

— Você está bem? — ele pergunta, mas sua voz soa mais profunda. Não é exatamente o mesmo timbre que estou acostumada a ouvir.

Ele me segura entre os braços e me puxa para si, contra o peito sólido, no instante em que começo a oscilar e perder o equilíbrio. O peito ao qual estou colada é bem mais largo do que aquele ao qual me aninhei e que beijei e abracei ao longo do último ano.

— Ah, meu Deus! O que está acontecendo? — digo chorando enquanto seguro os braços tatuados.

Braços tatuados? Tommy não tinha tatuagem! Tento registrar e assimilar cada centímetro do que consigo ver. Meu corpo continua a tremer como uma folha no meio de um vendaval.

— Tommy? — Levo a mão ao rosto barbado. *Barba?*

O homem inclina a cabeça para trás.

— Tommy? Não... Ah, não. Moça, você está se confundindo.

— Mas... mas... é você, sim! Os olhos são os mesmos... o rosto... — Enxugo as bochechas e recuo nos braços dele, até que minhas costas colidem com o caixão. Simbolicamente, é o caixão de Tommy que me impede de cair para trás, enquanto eu balanço a cabeça. — Estou perdendo o juízo... de verdade, fiquei *loca en la cabeza!* — falo com a voz estridente, mal conseguindo me manter de pé, enquanto olho para o sócio de Tommy.

Ele levanta as mãos à frente do rosto, em um gesto de conciliação. Mãos iguais às de Tommy, um pouco maiores, talvez. Tudo neste homem parece enorme. Eu estou oficialmente enlouquecendo.

— Você não está louca. — Ele ri baixinho, e o rumor profundo de seu riso vibra no ar e faz meu coração se confranger. Parece a risada de Tommy, mas não é.

— Eu não entendo... Você morreu... e você não é você! — Inclino a cabeça para o lado e tento localizar as placas de saída ou algum de meus amigos. — Chase! Gillian! — grito com toda a força dos meus pulmões. Estou sonhando? Isto é outro pesadelo cruel do qual não estou conseguindo acordar?

Uma porta se abre nos fundos da igreja e um feixe de luz se infiltra para dentro, iluminando a silhueta do homem que ainda não sei ao certo quem é. O som de passos se aproxima atrás de mim, e à minha frente Tommy também dá um passo na minha direção.

— Você morreu. — Aponto um dedo para ele e balanço a cabeça sem parar.

— Eu não sou o Thomas — ele se apressa em dizer, e suas mãos pendem ao lado do corpo.

O som de passos no piso de madeira fica mais alto.

— Maria! — ouço a voz de Chase e juro que é como um bálsamo sobre minhas feridas reabertas.

Chase nos alcança, e eu avisto o cabelo ruivo de minha amiga a certa distância atrás dele.

— Ria! — ela grita.

Eu me jogo nos braços de Chase e choro copiosamente, encostada ao peito dele.

— Tommy! — balbucio, sem forças.

— Quem é você? — A voz de Chase soa como uma arma letal, exigindo resposta. — Meu Deus, você é igual a ele! — Ele olha boquiaberto para o homem de pé perto de nós, e eu não consigo desviar o olhar.

Gillian chega, um pouco trôpega sobre os saltos, e ergue os braços para se equilibrar. O homem estende a mão para ampará-la, e ela se segura no pulso dele e então também arregala os olhos ao reparar em seu rosto.

— Ah, meu Deus, é você... — Ela cobre a boca com a mão.

O homem meneia a cabeça.

— Eu estava tentando explicar antes de você surtar — ele diz, olhando para mim, eu ainda encolhida nos braços de Chase. — O meu nome é Elijah Redding, mas todo mundo me chama de Red.

— Mas... quem é você? — consigo formular a pergunta em meio ao medo e à ansiedade que me dominam.

Ele passa a mão pelo cabelo escuro.

— Eu sou irmão gêmeo do Tommy.

— Gêmeo! — exclamo, com a voz rouca, e me afasto do peito de Chase. Ele nunca me contou que tinha um irmão gêmeo.

Elijah acena com a cabeça.

— Gêmeos idênticos.

— Só podia ser — diz Gillian. — Você é mais ou menos como a versão Hulk dele. É estranho.

Chase se vira abruptamente para ela e a fita com a expressão quase brava.

— O que foi? Olhe para ele, baby. Ele parece muito com o Tommy, mas tem uns vinte quilos a mais de músculos, sem falar nas tatuagens fodonas.

Ninguém melhor que Gigi para dar uma descrição exata e sincera de alguém.

Chase me solta e vai até a esposa, enlaçando-a pela cintura e a trazendo para perto.

— Depois nós conversamos — resmunga, e então se volta para o irmão de Tommy. — Por que a Maria não te conhecia?

Exatamente a pergunta que eu faria se conseguisse coordenar as palavras e formar a frase. Mas no momento tudo que consigo fazer é ficar olhando para ele. Gillian tem razão. Ele é uma versão aumentada do meu Tommy. Mesma altura, mesmos olhos, mesma boca. O cabelo é diferente; Tommy era careca e não tinha barba, ao passo que Elijah tem o maxilar recoberto por uma barbicha. Ele poderia ter se barbeado para a ocasião, mas pelo jeito não está ligando a mínima, já que só agora resolveu aparecer.

— Eu fiquei afastado nos últimos anos. Acabei de voltar para a cidade — diz Elijah com os dentes cerrados. — Qual é a sua relação com o meu irmão?

Eu vi você sentada lá na frente...

Olho para ele de soslaio. Sendo da família, como é que ele não sabia da minha existência? Tommy e eu estávamos namorando havia quase um ano.

Pelo mesmo motivo que você não sabia da existência dele.

— Nós éramos namorados.

Elijah fecha os olhos, sorri e meneia a cabeça.

— Óbvio que ele pegaria uma coisinha como você. — Ao dizer isso, o olhar dele me percorre de cima a baixo, da parte superior do meu vestido preto até o bico das botas. — Eu deveria ter imaginado... — Passa o polegar pelos lábios. — Ele sempre deu sorte com as mulheres.

Cruzo os braços. Chase estende a mão para mim e eu a seguro. Ele me puxa para perto e passa o braço sobre meus ombros.

— Está pronta?

— *¿Lista para decir adiós?* Não.

Chase acena com a cabeça, a expressão triste, e Gigi estende a mão para afagar meu rosto.

— Nós nunca dizemos adeus de verdade, amiga. As pessoas continuam vivendo por meio de nós e daqueles que as amavam. — Então Gillian olha para Elijah. — Nós sentimos muito pela sua perda. O Tommy morreu para salvar a minha vida. É uma dívida que eu nunca vou poder pagar, mas, se você precisar de alguma coisa, qualquer coisa, o meu marido e eu vamos ficar honrados em providenciar.

Os ombros largos de Elijah se contraem e se aprumam.

— Talvez nós possamos nos encontrar em breve e... bem... daí você me conta como foi que ele salvou a sua vida — diz, cruzando as mãos à sua frente.

Minha Gigi dá um sorriso tão iluminado que é como se o paraíso estivesse brilhando diretamente sobre seu rosto.

— Eu adoraria contar como o seu irmão foi um herói.

Ao ouvir as palavras de Gigi, Elijah desvia o olhar, parecendo desconfortável.

— Sim, obrigado.

— Você tem um cartão? — Chase pergunta a Elijah, e a pergunta parece tão absurda que não consigo controlar uma risadinha.

Elijah ri e balança a cabeça. Pois é. Não imaginei que ele tivesse.

Chase franze a testa, naquele jeito familiar que já conheço bem. Enfia a mão no bolso interno do paletó e tira de lá um cartão.

— Aqui está o meu. Como a minha mulher disse, nós vamos ficar felizes em receber você para um drinque ou um jantar. Por favor, me ligue para combinarmos. Vai ser um prazer, e vai fazer muito bem para a minha esposa dividir a experiência dela com o irmão do herói que a salvou.

Ele estende a mão e Elijah a aperta. Rapidamente Chase se inclina para a frente, a uma distância segura de Gigi para que ela não escute, mas eu consigo ouvir as palavras.

— O sentimento de culpa pela morte do Thomas está sendo brutal para ela — ele murmura e recua alguns passos. — Por favor, ligue mesmo.

Elijah guarda o cartão no bolso de trás da calça jeans escura.

— Eu ligo.

— Muito obrigado — Chase diz, e então me oferece o braço. — Vamos?

Eu me viro para Elijah.

— Desculpe pela minha reação... — Levanto a cabeça e encaro seus olhos, olhos que conheço tão bem, só que em outra pessoa.

Ele coloca a mão no meu rosto.

— Tudo bem. Estou acostumado. — Elijah enxuga uma lágrima.

— Eu lamento muito pelo seu irmão. — Respiro fundo, mais uma vez contendo as lágrimas.

— Sim, eu também — ele diz, em tom solene, antes de retirar a mão.

Levo minha mão ao rosto para substituir o calor da mão de Elijah. O toque dele é tão parecido com o de Tommy, e no entanto tão diferente!

Chase me conduz ao longo da nave em direção às enormes portas de madeira em arco.

— Ei! — Elijah chama.

Nós três nos viramos.

— Qual é o seu nome?

— Maria. Maria De La Torre.

— Prazer em conhecê-la, Maria De La Torre — ele diz, antes de se sentar no primeiro banco.

Observo por um momento conforme ele se inclina para a frente, apoia os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos, como se tivesse o peso de uma bigorna nas costas.

— Vamos — Gigi me chama, mas alguma coisa me faz querer ficar, confortá-lo, conhecer melhor esse homem que se parece tanto com o meu Tommy.

O irmão gêmeo dele. Ainda não consigo acreditar que ele tinha um gêmeo idêntico e eu nem fazia ideia. Por que Tommy nunca me contou sobre Elijah? Por que a família também nunca comentou nada? Eu fui a tantos jantares *en la casa de la familia* Redding. Não faz sentido o nome desse irmão nunca ter sido mencionado. Nós passamos juntos o Dia de Ação de Graças e o Natal, e nada. Nem uma palavra.

Nada faz sentido. Só sei que, quando ele se aproximou por trás, eu pensei que fosse Tommy falando comigo do além. Então me virei e foi como ver um fantasma vivo, respirando... só que bem mais corpulento e com uma beleza mais máscula. Elijah parece ser do tipo de homem que não fica muito tempo em um único lugar. A julgar pela camiseta preta esticada sobre a parede de músculos do seu peito, ele sabe se cuidar; a calça jeans escura, as botas de motociclista e a postura, com as pernas ligeiramente afastadas, indicam que ele não liga a mínima para o que as pessoas pensam de suas roupas, porque não se veste para os outros, nem mesmo em um funeral. Quando todo mundo está vestido com sobriedade, o irmão do morto aparece de jeans e camiseta, *depois* que a cerimônia terminou. Não sei se abraço esse homem ou se mostro o dedo do meio para ele.

Quando chegamos ao lado de fora, Gillian me faz parar na frente da limusine.

— Caramba, Ria. Você está bem? — Ela segura meus braços e me encara com os olhos verdes feito esmeraldas.

Balanço a cabeça.

— Não sei. Sim... Não... Talvez. É foda...

Chase puxa as mangas, endireitando-as.

— Põe foda nisso... Você não sabia que ele tinha um irmão gêmeo?

— Não. Foi uma surpresa total. O Tommy e a família dele nunca tocaram no nome desse irmão, em um ano de convivência que eu tive com eles. Eu me lembraria se o meu namorado tivesse me contado que tinha um irmão gêmeo. Um gêmeo idêntico!

Gillian me abraça.

— Meu Deus, que dia... Quer ir até a cobertura beber alguma coisa?

Chase puxa Gillian para si, sussurra algo no seu ouvido e coloca as mãos na barriga dela. Por que será...? Ele não costuma agir desse jeito perto de mim, somente quando algum homem faz algum avanço inconveniente na direção de

Gillian. Mesmo com os acontecimentos infernais dos últimos meses, o senso de proteção dele está assumindo proporções absurdas.

Gillian afaga as mãos dele e olha para mim, embora sua resposta seja para Chase.

— Ah, eu não estou no clima para beber, amor. Eu não bebo quando estou triste. Mas para a Ria e para você uma dose certamente faria bem. Que tal? — Ela sorri para mim com doçura e afasta uma mecha de cabelo para trás da orelha.

— Parece que eu vou passar um tempo em *la casa* Davis esta noite. Chase, é bom você me ajudar a me recuperar de *la buena mierda*.

— Foi um susto mesmo. — Ele sorri. — Vamos lá. Entre no carro e coloque o cinto.

Faço beicinho.

— Sempre mandão.

— Irmã, você não faz ideia. — Gigi suspira, sonhadora.

— Você pode me contar tudo quando eu estiver com um copo de tequila na mão — resmungo e abro a porta da limusine. Olho para trás, para a igreja onde nunca mais vou entrar. — Adeus, Tommy — murmuro, no mesmo instante em que Elijah sai.

Seguro a respiração quando nossos olhares se encontram. Então ele levanta a mão e acena para mim. Uma lufada de vento frio sopra meu cabelo, me esfriando até os ossos. Meus braços ficam arrepiados e meus dentes começam a bater incontrolavelmente. Olho mais uma vez para a igreja e aceno para a figura solitária antes de abaixar a cabeça e entrar no carro.

2



— ¿Y entonces qué pasó? — pergunto, olhando para dentro da minha margarita. Caraca, esse mordomo cozinheiro prepara drinques incríveis. Benty? Benito? Não, não... Bentley. Sim, esse é o nome dele. Ele é *increíble*.

Gigi dá um tapinha na minha perna.

— Em inglês! — ela reclama e solta uma risadinha.

Ops... não percebi que tinha falado em espanhol. Os drinques estão descendo rápido.

— Eu perguntei “E então, o que aconteceu?”

Minha melhor amiga dobra as pernas sob o corpo, ao meu lado no sofá. Chase dá um sorriso afetado, reclinado no encosto do outro sofá, de frente para nós. Normalmente Chase é calmo e imperturbável, mas, desde que Daniel McBride perseguiu e sequestrou sua amada Gillian e assassinou o meu Tommy, ele está definitivamente mais cauteloso, um pouco frio, até. Se bem que eu posso vê-lo se descontraindo aos poucos, à medida que o uísque faz efeito.

Gillian inspira o ar e olha para mim. Tenho a sensação de que sei o que ela vai dizer antes que ela responda à minha pergunta.

— A gente se casou! — ela exclama, em tom de voz estridente, quase pulando no sofá, a expressão iluminada pela felicidade.

Pisco algumas vezes, observando os efeitos de luz e sombra causados pelos movimentos dela. Ondas de calor se formam no meu corpo conforme a indignação preenche cada poro. Balançando a cabeça, dou um tapinha na perna dela.

— Eu sabia. Sabia! Sua *puta*! Você fugiu e se casou sem a presença das suas melhores amigas! Sem mim... *¡No es legal!* — Faço beicinho e lanço um olhar

fulminante para Chase. — E você... — Balanço o dedo para ele. — Você planejou tudo. Você tem noção de que *karma es una puta y su nombre es Maria!*

Chase ri tanto que engasga com o drinque e bate no peito com o punho fechado.

— Caramba, Maria, você não deixa passar nada.

— Nunca deixei e nunca deixarei. *Você fugiu!* Com a minha melhor amiga... Como você pôde fazer isso? — Minhas palavras são diretas, mas não consigo disfarçar o tom deprimido.

Se eu estivesse mais equilibrada, não teria parecido uma criança chorosa. Infelizmente, depois de algumas margaritas, um funeral e várias horas sem comer nada... O que posso dizer? A criancinha de cinco anos vem à tona. Chase sabe que Gillian significa tudo para mim. *Ele sabe.*

Os olhos de Chase estão azuis como o mar do Caribe quando ele se inclina para a frente no sofá e segura minha mão. Ele nunca fez isso antes, mas ultimamente tem se mostrado mais acessível fisicamente. Me alegra que ele esteja se esforçando para se conectar comigo e com as meninas, como se agora nós fôssemos uma parte real da vida dele, talvez até da família.

— Maria, eu penso que a real questão é: como eu poderia não me casar com ela em segredo depois de todo aquele inferno? — Ele levanta uma sobrancelha escura com ironia.

O infeliz tem razão. Alguns meses atrás, era para Gillian e Chase terem se casado em uma cerimônia linda à beira-mar, em Cancún. O que aconteceu, porém, foi que o assediador de Gillian invadiu o quarto da noiva, cortou a garganta da mãe de Chase e sequestrou minha melhor amiga. Ele a manteve refém durante quatro dias, acorrentada em um abrigo de concreto, ela ainda usando o vestido de noiva. E tudo isso aconteceu antes de ele provocar o incêndio no San Francisco Theatre que mudou a vida de Kat e mais tarde acabou com a de Tommy.

Balanço a cabeça, deixando esses pensamentos desaparecerem com um gole gigante do meu drinque. O sal na borda do copo e a tequila com sabor de limão descem pela minha garganta com uma sensação de ardência, me lembrando de que ainda estou viva.

— Eu te perdoo. Mas chega de segredos. — Aponto um dedo para o peito dele e depois para Gillian.

As sobrancelhas de Gillian disparam e ela olha para Chase, depois para mim e para ele outra vez. Ele está comprimindo os lábios com dois dedos e

sorrindo. O canalha sexy ainda está escondendo alguma coisa... Gillian passa a língua pelos lábios e mordisca de leve o inferior. Merda.

— Desembucha, *cara bonita*.

Ela amolece ao ouvir o apelido. Eu sempre a chamei de “rosto bonito”, porque ela tem o rosto mais lindo que já vi. Mesmo com os hematomas arroxeados quando nos conhecemos, no primeiro dia da terapia em grupo, há mais de cinco anos, ela resplandecia como um anjo fragilizado e maltratado. Gillian tem uma pele linda, que lembra marfim perolado, cabelos cacheados castanho-avermelhados que caem sedosos sobre os ombros e os olhos verdes mais brilhantes que alguém pode ter. Com lábios cheios e bem delineados, ela é a fantasia de todo homem. Inclusive do marido, que constantemente olha para ela como se estivesse a fim de empurrá-la até a parede mais próxima e comê-la à vista de todos. Eu gosto disso em Chase. Ele não disfarça o afeto que sente pela minha querida amiga. Ela precisa disso... aliás, nós duas precisamos.

— Baby, conte para ela. A Dana e o Jack já sabem. — Ele faz um gesto cavalheiresco com a mão.

Gillian se vira para ele com a velocidade da luz e um olhar agudo. Se eu não a conhecesse, diria que aqueles olhos estão aflitos e que não expressam boa coisa. Ela franze a testa e suas narinas dilatam, como se estivesse com raiva.

Sinto vontade de rir... os drinques que bebi dificultam minha capacidade de conter o riso... mas realmente quero saber o que está escondendo.

— Gigi?

— Nós estamos grávidos! — ela exclama de repente, soltando o ar numa lufada.

— Seus merdas, *putos sagrados!* *¡No puedo creer que usted guardó esto de mí!*
— Eu me levanto, gesticulando e falando rápido em espanhol. Uma onda de calor atravessa meu corpo conforme assimilo a traição. Como assim?! Somos tão amigas!

— Em inglês! — Ela se levanta também. — Se é para gritar comigo, que eu pelo menos entenda!

Eu olho séria para ela e me aproximo. Ela cerra os punhos e estufa o peito, pronta para qualquer golpe da minha parte. Boa garota! Sabe enfrentar... Nós descobrimos juntas essa natureza combativa, ajudando uma à outra a se reerguer ao longo dos anos difíceis.

Chase também fica de pé e coloca a mão no ventre da esposa. A energia protetora que emana dele poderia eletrocutar qualquer um num raio de trinta

metros. Pelo menos agora a atitude exageradamente possessiva de antes faz sentido.

— Maria, não estou gostando desse seu jeito ameaçador, especialmente minha esposa estando grávida — diz ele, sem meias palavras.

O Super-Homem Protetor está vindo à tona. Ótimo. Ele precisa estar pronto a todo momento. Não que eu fosse encostar um dedo na minha melhor amiga, nem em um milhão de anos, e nem que pudesse machucá-la de forma alguma. Mas ela precisa saber e compreender que fiquei magoada com essa notícia em um momento tão tardio.

Gillian se empertiga e empurra gentilmente Chase para trás.

— Sente aqui. Este assunto é entre mim e a minha amiga. Ria... O Chase e eu passamos por muita coisa. Nós não guardamos a notícia em segredo de propósito, mas com o Danny ainda perambulando por aí, e depois o incêndio... não dava para falar. E logo em seguida o Tommy... Não era a hora certa. — Os ombros dela pesam para a frente e as lágrimas começam a rolar pelo seu rosto.

Eu chego mais perto, coloco as mãos nos ombros de Gillian e encosto a testa na dela.

— Você pode sempre contar comigo, Gigi. Você sabe disso. Você... *sabe...* disso.

Ela acena com a cabeça.

— Eu sei, mas já não sou só eu. Tenho o Chase agora. — A voz dela treme e falha sob o peso da vulnerabilidade que está sentindo.

Chase. Ela tem Chase. E eu estou feliz por ela. Triste e incerta sobre meu lugar na vida dela agora, mas, ainda assim, desejo o melhor para Gillian, e Chase vai lhe proporcionar isso, assim que os dois puderem respirar um pouco. Eles não tiveram um segundo de paz desde que se conheceram, e merecem ter e vão ter, agora que Danny está morto.

Deixo escapar um suspiro e dou um abraço em minha amiga.

— Estou feliz com a notícia. Muito contente que você enfim esteja livre e possa viver sua vida com seu amor e seu novo *bebê*.

— Bebês.

Franzo a testa e recuo, o suficiente para me certificar de que meu cérebro saturado pelo álcool não tenha interpretado erroneamente o que ela disse.

— Mais de um? — Balanço a cabeça, tentando pensar com mais clareza, apesar do meu estado embriagado.

Ela acena com a cabeça e dá um largo sorriso, mostrando todos os dentes.

— Vamos ter gêmeos.

Meu queixo cai e eu percebo que preciso de outro drinque. Imediatamente!

— Você nunca se contenta com o básico, não é?

Atrás dela, Chase dá risada. Ri tanto que chega a bater nas coxas com o esforço.

— Vamos pedir mais drinques.

— *¡Sí, gracias!* — Balanço a cabeça e olho para minha melhor amiga. — Dois bebês?

Ela sorri, obviamente envaidecida, e seus olhos se inundam de lágrimas outra vez. Coloco a mão sobre a barriga de Gillian e sinto uma onda de frio e depois uma de calor. Desenho um círculo sobre o ventre dela, tentando verificar o que estou sentindo. Nunca me enganei ao adivinhar o sexo de um bebê. Nunca. Normalmente tenho uma sensação de frio para menina e de calor para menino. Sempre. Desta vez senti as duas coisas.

— O que foi? — Gigi coloca a mão sobre a minha.

— Não sei... Não tenho certeza se são meninos ou meninas.

Gigi franze a testa e morde o lábio.

— E se for um de cada?

Um de cada... claro, é isso!

— Exatamente! Você vai ter um menino e uma menina! Ah, que demais!

Gigi leva as mãos ao rosto vermelho.

— Você acha? Mesmo?

— Nunca me enganei. — Aperto de leve o nariz dela. — Nunca. Você vai ter um casal.

Chase volta para a sala, trazendo um copo de água gelada para Gillian e uma margarita para mim. Humm... Estendo a mão, ávida, abrindo e fechando os dedos até ele me entregar o drinque.

Gillian vai até ele, apressada.

— Baby, adivinhe! Nós vamos ter um menino e uma menina! — ela exclama e o beija na boca.

Ele retribui o beijo e a enlaça pela cintura com um braço. Quando ela se afasta, ele afaga seu rosto.

— Como você sabe? No livro diz que só é possível saber o sexo do bebê na ultrassonografia de vinte semanas.

É claro que o possessivo Chase Davis já teria lido alguma coisa sobre bebês. A esta altura ele provavelmente sabe mais sobre a gestação de Gillian do que ela mesma.

— Eu tenho sexto sentido para essas coisas. Nunca me enganei. Nunca — digo.

— Um de cada, é? Que ótimo! — Ele dá mais um beijo em Gillian e vai até a bancada para se servir de mais uísque. — Vou brindar a isso.

Chase ergue seu copo, e eu ergo o meu.

— Eu também!

— Nós três também! — exclama Gillian, batendo palmas.



Uma fisgada de dor se alastra pela minha têmpora. O incômodo rapidamente se transforma em um homenzinho do tamanho de uma formiga martelando meu lóbulo frontal conforme tento abrir os olhos. O quarto é alegre, todo branco e amarelo, e a cama é tão macia que tenho certeza de que foi feita pelo Homem lá de cima no oitavo dia, depois de criar a Terra, porque precisava de uma boa noite de sono. Só que Ele se esqueceu de avisar para uma pessoa não beber o próprio peso em tequila antes de dormir.

Meu Deus, já não sofri o suficiente? Esfrego as laterais da cabeça, enterrando os dedos nos pontos doloridos. Meu estômago ronca e revira, e não tenho certeza se é a ressaca ou a necessidade de comer. Seja o que for, preciso pôr um pouco de comida no estômago para me sentir pelo menos um pouco mais normal. Levanto a parte superior do corpo para uma posição quase sentada, afasto os cabelos dos olhos e sinto as mechas escuras caírem até o meio das costas.

Com muito cuidado, saio da cama, tocando o chão com a ponta dos dedos, depois com a sola do pé e então com o pé inteiro. Dou alguns passos cambaleantes e finalmente me equilibro me encostando na porta, onde há um robe de seda pendurado. Gigi deve tê-lo colocado aqui para mim. Mas decido sair do quarto só com meu top de ginástica e o short de algodão da minha amiga. Afinal, Chase já me viu dançar com menos roupa que isso, portanto

não me dou o trabalho de vestir minha roupa do funeral. Na verdade, acho melhor queimar aquele vestido, apesar de ter ficado espetacular em mim. Toda vez que o vestir vou me lembrar de onde o usei pela primeira vez e a tristeza vai voltar. Eu me apresso sobre meus pés trêmulos, já que meu estômago parece estar subindo furiosamente até a garganta.

Chego ao banheiro a tempo, e no final escovo os dentes. Obrigada, assistente doméstica do Chase, por deixar escovas de dentes extras e um tubo de creme dental para os hóspedes. Passo a mão pelo cabelo, tentando desembaraçar os nós. Com uma das mãos no cabelo e a outra segurando a testa, vou até a espaçosa cozinha e paro de repente.

Sentados alegremente à mesa estão Gillian, já vestida com um jeans e um suéter, e Chase, usando seu melhor traje de golfe, com uma sobrelha arqueada e os lábios apertados. Os dois não me surpreenderam... O que eu não esperava era ver o irmão de Tommy, Elijah, logo de manhã cedo. No dia seguinte ao enterro.

— Eu dormi uma semana e não sei? — resmungo, me apoiando no batente da porta. Meu robe está aberto, mas eu nem me importo.

Os olhos de Elijah me examinam dos pés descalços até a ponta dos cabelos e de volta aos pés.

— Jesus — ele murmura, sem afastar a xícara de café dos lábios, e desvia o olhar.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, tentando não soar irritada e falhando miseravelmente.

Ele inclina a cabeça para o lado e coloca a xícara na mesa; à sua frente está um prato ainda com metade da comida.

— Eu fui convidado. Bom dia, Pimentinha.

Pimentinha! Que raios...

— Ela é sempre assim de manhã? — ele pergunta a Chase.

Chase dá de ombros.

— Não sei. Com pouca roupa? Sim. — Lanço um olhar fulminante na direção dele e cruzo os braços, com o quadril empinado para o lado. — De ressaca? Não, normalmente não. Ontem foi um dia péssimo, compreensivelmente, para ela e para todos nós.

Bentley, o chef, me oferece uma xícara de café.

— Srta. De La Torre. Com um toque de canela e creme, como a senhorita gosta.

Dou um sorriso.

— Bentley, você é tão bom para mim! Primeiro as margaritas, e agora o café perfeito? Casa comigo? — Dou uma piscadela.

As bochechas do homenzinho gorducho se avermelham enquanto ele se afasta apressado.

— Bem, de volta a você... Eu posso ter bebido demais ontem à noite, mas quando fui dormir você não estava aqui. — Puxo uma cadeira e os dois homens se levantam por um segundo até eu me sentar.

Interessante.

Gillian sorri e segura minha mão.

— Dormiu bem? Teve pesadelos?

Faço uma careta e examino a mesa arrumada, não querendo fazer contato visual com ninguém.

— Não.

— Você costuma ter pesadelos? — Elijah pergunta, como se fosse normal, em uma conversa cotidiana, falar sobre algo tão profundo e pessoal.

Eu respiro fundo.

— Às vezes.

Eu não pedi, mas Bentley coloca um prato de comida na minha frente.

— De novo, casa comigo? — Olho para cima, ele dá uma risadinha e se afasta.

Homenzinho engraçado, mas um cozinheiro incrível.

Ovos, bacon, salsicha, batatas e um muffin inglês estão ali, como que olhando para mim. Começo a salivar quando espeto o garfo em um succulento pedaço de batata e o levo à boca.

— *Jesús dulce bebé. Tan bueno.* — Bom demais!

— E então, sr. Redding, quanto tempo vai ficar em San Francisco? — Chase pergunta.

Elijah cutuca os ovos com o garfo e suspira.

— Não sei bem.

— Por quê? — pergunta Gillian, abelhuda como sempre. Graças a Deus.

Ele exhibe um sorriso triste.

— O Thomas deixou tudo o que tinha para mim. Casa, carro... tudo. — O queixo dele enrijece, e eu observo seu pescoço, que já tinha atraído minha atenção ontem e agora parece ainda mais atraente e másculo. Elijah passa a

mão pelo cabelo e eu não posso deixar de reparar no gesto. Essa seria a aparência de Tommy se ele tivesse cabelo. Danado de sexy.

Mentalmente, eu me recrimino pelo pensamento. Este cara *não* é o Tommy.

— Você tem família em algum lugar te esperando? — pergunta Chase, sem rodeios.

Elijah balança a cabeça.

— Não, eu não tenho ninguém. Tenho alguns locais de apoio espalhados pelos Estados Unidos.

Dou uma gargalhada.

— O que você é, um nômade?

Os olhos dele parecem facas afiadas quando ele se vira para me encarar.

— Não, Maria. Eu sou um caçador de recompensas. O meu trabalho não deixa muito espaço para me fixar em um lugar. Fico onde dá para ficar.

Imediatamente um calor sobe pelo meu peito e pescoço até o rosto. Tenho certeza de que estou vermelha como um tomate.

— Desculpe — falo baixinho.

Ele ergue um ombro e depois relaxa.

— Sem problemas. Estou acostumado. Mas eu acabei de concluir um trabalho e não consegui chegar a tempo no funeral. Foi por isso que eu não estava lá.

— Mas isso não explica por que eu não sabia da sua existência. — Remexo minha comida com tanta força que o garfo retine contra o prato.

Elijah coloca os cotovelos sobre a mesa e apoia o queixo em uma das mãos fechadas.

— Não. Acho que explica mais sobre o seu relacionamento com o meu irmão — ele revida.

— Ah, não! Isso não é justo... — Gillian exclama antes que eu tenha tempo de dizer qualquer coisa. A ressaca afetou minha capacidade de reagir. Estou um pouco lenta.

— Talvez você não fosse suficientemente importante para ser mencionado. — Eu me levanto e empurro a cadeira para trás. — Obrigada pelo café da manhã. De repente perdi a fome.

— Maria, espere! — diz Gillian, enquanto saio para o corredor em direção ao quarto de hóspedes.

Eu me viro ligeiramente e aponto o dedo na direção da cozinha, respondendo em tom alto para minha amiga ouvir.

— Quem ele acha que é para me dizer isso? Ele não sabe nada sobre o meu relacionamento com o Tommy!

Gillian levanta os braços e balança a cabeça.

— Não, ele não sabe! Eu concordo... Vocês dois se excederam!

— Nós dois? — Será que estou ouvindo direito? Ela o está defendendo?

Minha amiga aperta os lábios, tensa, enquanto vem atrás de mim no corredor.

— Ria, você está chateada porque não sabia sobre o Elijah. Eu entendo. Mas, por outro lado, ele tem razão... Por que o Tommy não te contou sobre ele? Acho que essa é a questão principal.

Cravo o olhar no rosto dela.

— Você acha que ele escondeu de propósito? Que tinha um motivo para não me contar?

Ela dá de ombros.

— Bem, sim... isso é óbvio. Você não se relaciona com um cara por nove meses e depois descobre por acaso que ele tem um irmão gêmeo idêntico perdido por aí. Existe um motivo importante, e a única pessoa que conhece esse motivo está sentada ali, na minha cozinha.

Caio sentada na cama e apoio a testa nas mãos.

— Não consigo lidar com isso agora. Preciso ir para casa, ficar um tempo sozinha... pensar em tudo isso.

Ela se senta a meu lado e coloca a mão nas minhas costas. Com movimentos tranquilizantes, começa a deslizá-las para cima e para baixo e depois massageia meu pescoço. Deixo escapar um gemido e inclino a cabeça para a frente.

— Eu sei que magoa... e não é justo. O Tommy era um cara incrível, o melhor! Ele salvou a minha vida, e eu tenho uma dívida eterna com a família dele. Mas ele te amava.

Engulo em seco, tentando ignorar as emoções, mas meu estômago as empurra de volta à superfície.

— Eu nunca disse a ele... — As lágrimas que eu estava segurando até então rolam pelo meu rosto, traiçoeiras. Meu estômago se contrai num espasmo e eu sinto um gosto amargo na boca. Vou vomitar.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Vida"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).